


Ambiente-Cultura e a gestão de águas, recorte e perspectivas antropológicas




**Profa. Ana Luiza Carvalho da Rocha UFRGS
PROFAGUA/IPH**



*Etnografia do trabalho e memória ambiental no
Vale do Rio dos Sinos: paisagem e territorialidades*



Ana Luiza Carvalho da Rocha (Feevale/UFRGS)
Margarete Fagundes Nunes (Feevale)

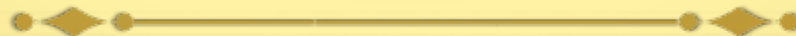
- 
- ✦ **A memória ambiental em NH pauta-se pela ausência de atribuição de um valor positivo para o antigo modelo colonial extrativista e de suas formas de acumulação em termos dos impactos ambientais, oriundo da matriz agropastoril associada à colonização portuguesa no sul do Brasil, por outro, o culto a sua matriz operário-industrial coureiro-calçadista e, mais recentemente, química e metalúrgica vem afetando, desde suas origens, a terra e os recursos hídricos da região em suas diferentes dimensões.**

Gestos de fundação do mundo do trabalho industrial e suas repercussões para o surgimento da paisagem das águas urbanas



- ✦ **o surgimento dos curtumes e seu impacto ambiental na Bacia do Rio dos Sinos, ao longo do século XX, sob o foco do paradigma da modernização (e do progresso industrial) em Novo Hamburgo.**
- ✦ **referência à imagem da região do Vale dos Sinos como “a terra das oportunidades” e das disputas pelo controle dos recursos naturais, em alusão à exploração dos recursos hídricos e a sua mercantilização para a implantação e crescimento da indústria coureiro-calçadista na região.**

Os arranjos espaço-temporais de suas formas na Bacia do Rio dos Sinos e os impactos para os estudos antropológicos sobre a memória do trabalho e a memória ambiental.



- ✦ **O conceito *giro-eco-territorial* abarca o estudo das diferentes matrizes econômicas que se impõem na região do Vale dos Sinos e as formas de apropriação e exploração dos recursos naturais assim como dos conflitos e das tensões que promovem.**
- ✦ **Não se trata de compreender a substituição da matriz extrativista pela matriz agropastoril, e desta pela matriz operário-industrial em suas inúmeras modulações – do processo manufatureiro às fábricas, passando pelo apogeu e crise da indústria do couro e do calçado, a migração de sua tecnologia para a China e a *reprimarização das economias latino-americanas***

Etnografia da duração e memória ambiental



Os gestos em relação a maternidade das águas



Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

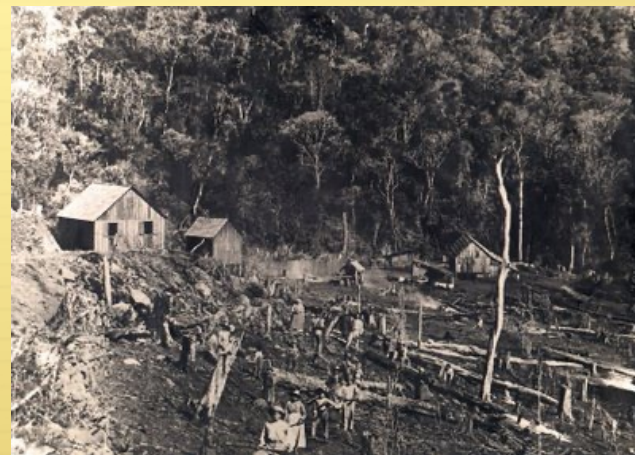
Felipe Kuhn Braun/Arquivo pessoal



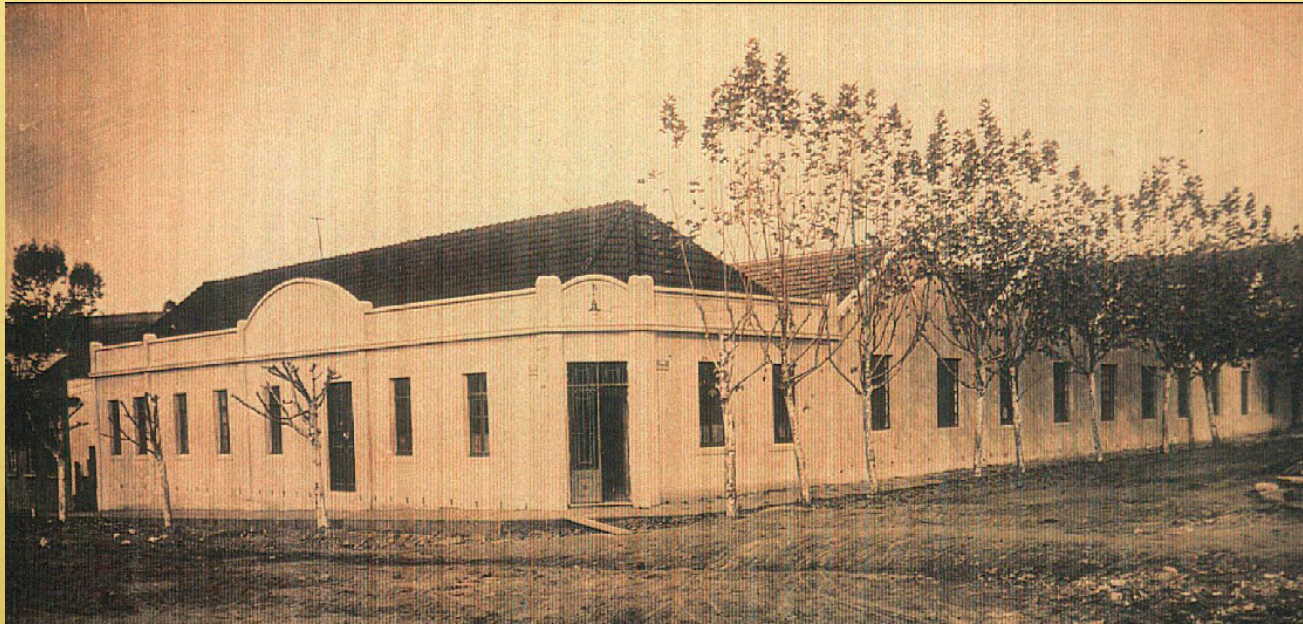
ROUPA LAVADA NO RIO - Na bela foto tirada por volta de 1935 estão moradoras da localidade de Feliz lavando roupas no Rio Cai. O progresso sem dúvida facilitou a vida das mulheres que não precisam mais lavar roupas no rio, mas essa foto, nos mostra como eram limpos nossos rios antigamente.



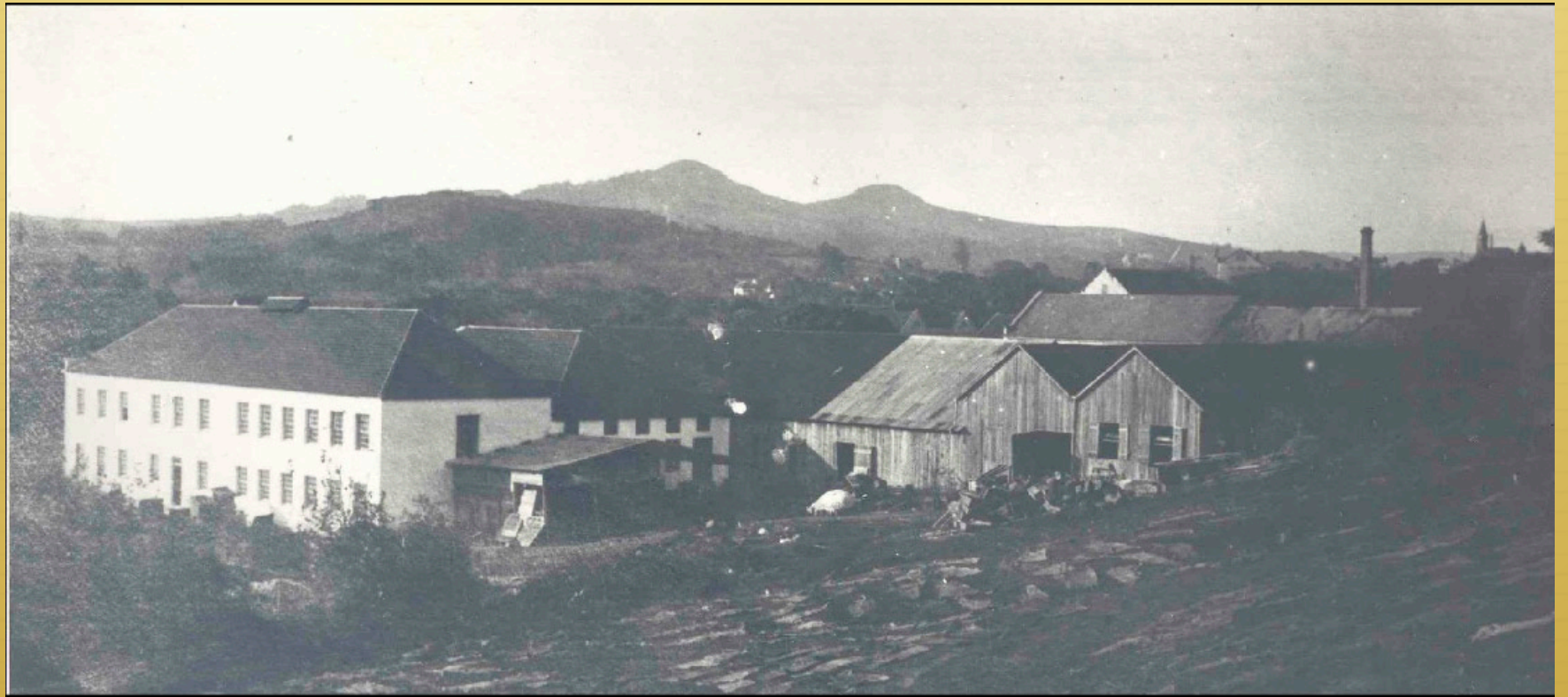
Gestos de ocupação territorial



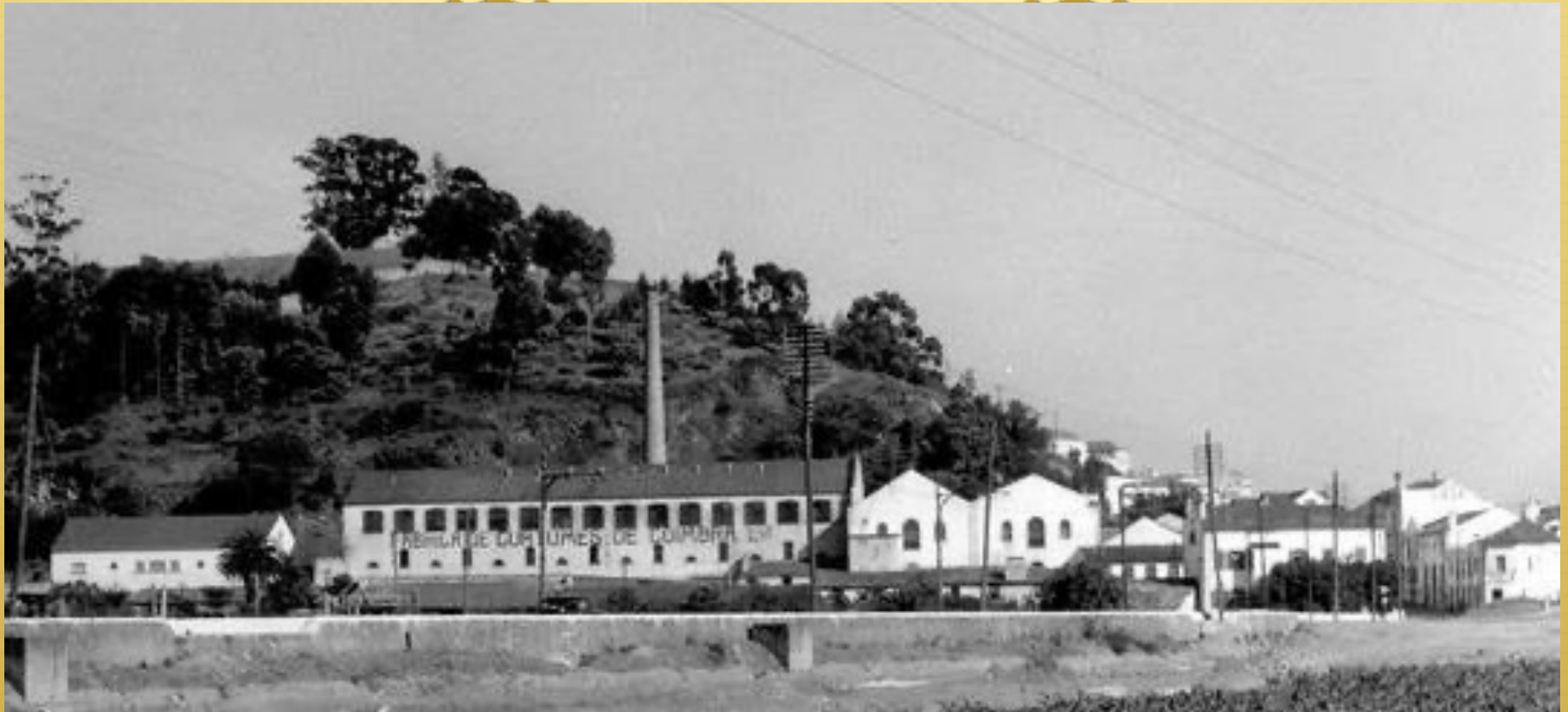
Antigos Curtumes



CURTUME DOS LAMEL - Prédio em madeira, couros esticados para que secassem ao sol é o cenário da indústria curtidora nos anos 1930, como mostra a foto feita do Curtume dos Lamel, em Arroio do Meio, no Vale do Taquari. O curtume pertencia à família de Eugênia Jaeger e Reinaldo Lamel. Mais tarde, a família se mudou para Novo Hamburgo, onde foi fundado o Curtume Jaeger.



Modernização dos curtumes



Presença alemã



FAMÍLIA HENNEMANN - Duas fotos da família de João Wendelino Hennemann e Maria Tecla Treis, de Novo Hamburgo. À esquerda está o casal por volta de 1895. Na foto da direita, por volta de 1905, estão os primeiros seis filhos do casal. Da esquerda para a direita estão Arnaldo, Antônia, Mário, Hortência, Aloísio e João Hennemann.



Fotos Felipe Kuhn Braun/Arquivo pessoal



Felipe Kuhn Braun/Arquivo pessoal

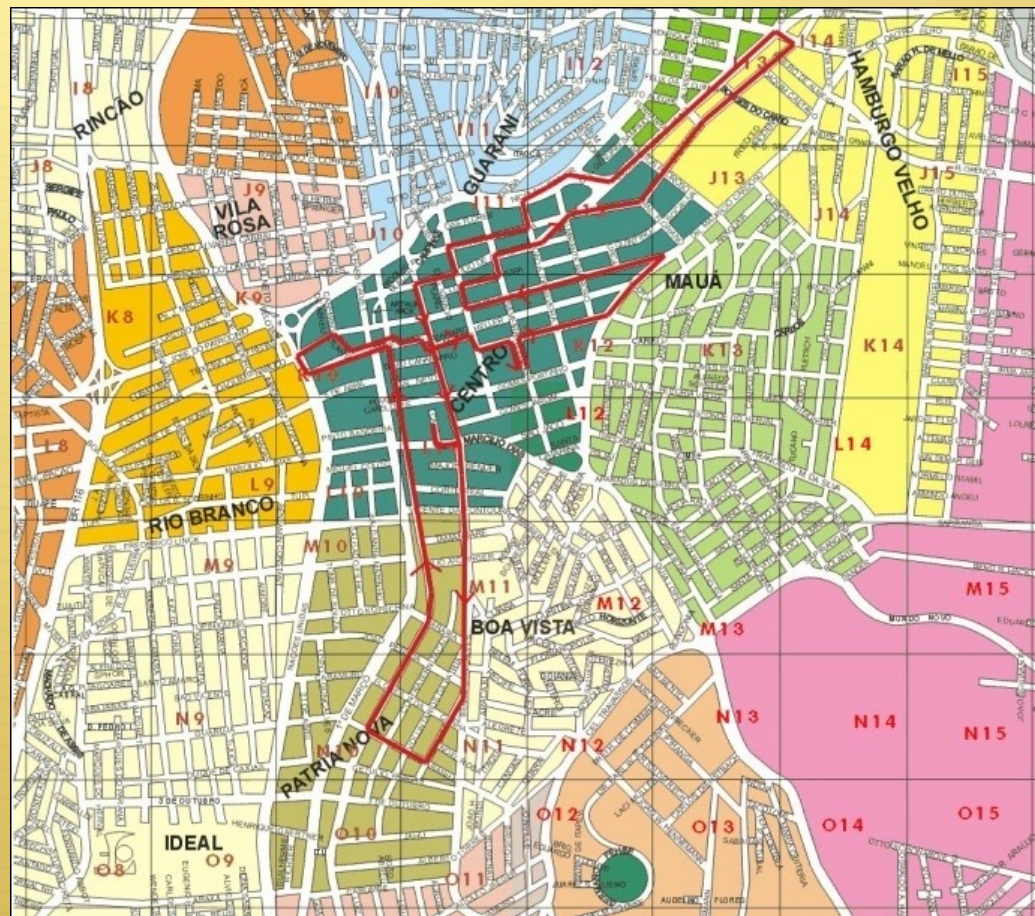
OS HENNEMANN DE NOVO HAMBURGO - Foto tirada por volta de 1910 que retrata o casal João Wendelino Hennemann e Maria Tecla Treis, de Novo Hamburgo. Da esquerda para direita, na fila de trás, estão João, Antônia, Aloísio, Hortência e Arnaldo Hennemann. Na frente estão Valesca, Mário, João Wendelino e Maria Tecla, Rosinha e Berta Hennemann.



Felipe Kuhn Braun/Arquivo pessoal

FAMÍLIA RITTER - Na foto tirada por volta de 1905, em Tupandi, está o casal Helena Heck e João Pedro Ritter com seus seis filhos. O casal teve grande descendência na região e no Vale do Rio dos Sinos.

Vestígios dos fluxos e circuitos dos imigrantes no Vale dos Sinos



Os giros eco-territoriais, anterior a chegada dos colonos alemães – a matriz agrária e escravista



Muito em breve, inaugurando uma outra fase de prosperidade, que se vem afirmando há um século, nesse mesmo terreno sáfaro, malsinado pelos inspetores, crescerão as lavouras, e a abundância jorrará em suas caudais perenes. E fecundará o trabalho livre, arimados pelos cantos de alegria, ou de nostalgia de terras distantes, da velha pátria de origem dos novos povoadores (PORTO 1934:310).



Presença das populações negras




E o falecido papai, ele trabalhou numa envernizaria de couro onde naquela época o couro era, era envernizado manual... Era um líquido, uma pasta tipo um piche, tipo esse... Essa massa asfáltica. E aquilo era passado com uma espátula em cima de um couro né! Com uma lixa... Anteriormente ele era lixado, bem liso né! Para depois eles aplicarem aquilo com uma massa quente, com uma espátula. Era um trabalho sofrido. ...eu acho que ali começou meu gosto pelo couro né! Já antes mesmo de eu ter nascido.

Narrativas etnobiográficas de negros - e de seus patrões – e os antigos curtumes da região


- ✦ **O trajeto antropológico dos gestos de fundação do mundo do trabalho industrial e suas repercussões para o surgimento da paisagem urbana de Novo Hamburgo e São Leopoldo, com a implantação da indústria coureiro-calçadista na região e seu impacto ambiental na Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos, ao longo do século XX, assim como a migração recente da mão de obra especializada do setor coureiro-calçadista para a China.**



A “situação de colonialidade” do Vale dos Sinos

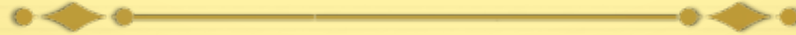
- 
- ✦ as lógicas de acumulação e de controle político e social que a colonização alemã no Rio Grande do Sul impôs sobre o cenário local, onde distintas culturas foram construindo “modos e estilos de convivência com o ecossistema da região, e que foram a expressão em saberes, tecnologias, formas de organização social e elaboração míticas e simbólicas.” (Alimonda, 2011, p. 11).
 - ✦ a América se constitui em referência às formas de controle e de exploração do trabalho - escravidão, servidão, a pequena produção mercantil, o trabalho assalariado etc. – que se articulam em torno da relação capital-salário e do mercado mundial

A implantação da matriz operário-industrial no espaço do Vale do Rio dos Sinos e anterioridade do mundo do trabalho no Velho Mundo.



- ✦ **a escravidão, a servidão, a (des) posseção de terras e a exploração dos recursos naturais conformariam parte deste imaginário que ordenaria as relações sociais e de poder constituintes do sistema mundo-moderno nas Américas e seus processos derivados da articulação do controle do trabalho, no qual a apropriação dos lugares afirmaria a Europa e suas formas de trabalho como centrais em relação ao “Novo Mundo”, considerado atrasado ou “em desenvolvimento”.**

As águas volúveis do Rio dos Sinos são testemunhas de toda a evolução de um pugilo de imigrantes calados no desejo fixo de vencer (Ercilio Rosa).



- ✦ **O desenvolvimento urbano e industrial opunha-se ao modelo da monocultura, seguindo a lógica de reordenamento econômico dos territórios banhados pelo Rio dos Sinos, e, sob o impulso das elites locais, os descendentes dos primeiros imigrantes alemães na região consolidaram a influência de seus negócios e suas formas de produção na política local e regional, em detrimento de outros grupos étnicos e raciais**



A retórica desenvolvimentista e a (des) posseção territorial

- ✦ A fauna nativa foi substituída pelo “espírito empreendedor e previdente do povo de Novo Hamburgo que plantou no lugar da fauna nativa eucaliptos e acácias” (Petry, 1944, p.10).

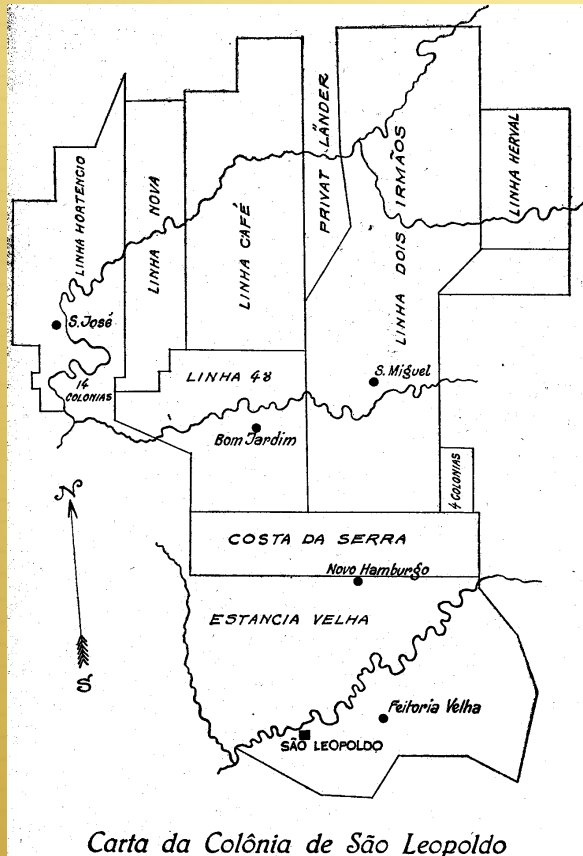


O espírito empreendedor e previdente do povo de Novo Hamburgo

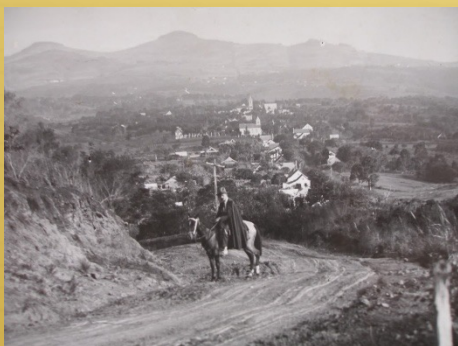
✦ na região de Novo Hamburgo, o autor aponta o desmatamento feito pelos colonos como a principal responsável pela destruição da mata nativa e de uma grande vegetação das várzeas e banhados em razão dos aterros destes territórios para abrigar populações migrantes do interior do Rio Grande do Sul que vinham para contribuir com o crescimento econômico da região, proletarizando-se nos arredores das fábricas de calçados e dos curtumes.



O mito do trabalho livre e a colonização europeia no Vale dos Sinos



Os primórdios – os tropeiros e caixeiros viajantes



VIDA DE VIAJANTE - Essa foto foi tirada na década de 1920, no interior do Rio Grande do Sul. À direita está o caixeiro viajante Emílio Roehe (natural de Dois Irmãos e morador de Porto Alegre). Era assim que chamavam os representantes comerciais naquela época. Ele ia montado no cavalo e levava junto uma mula com o mostruário. Era representante da livraria Selbach, a maior da época.



Felipe Kuhn Braun/Arquivo pessoal

Os primórdios – Os moinhos

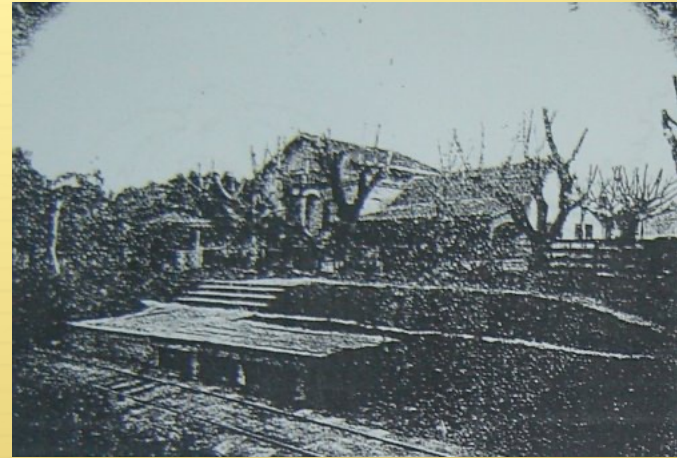


Foto: Felipe Kuhn Braun/Arquivo pessoal

OS KUHN E SEU MOINHO - Nessas pinturas feitas por volta de 1910, em Picada Café, está o casal Cristiano Kuhn e Madalena Link. O casal teve 11 filhos que se espalharam por toda a região: Cristiano era comerciante, tinha um salão de baile onde funcionava sua casa comercial e um moinho (foto maior), construído por seu genro José João Stoffel. Muitos de seus netos moram em Novo Hamburgo. Um deles é o regente de coros Osório Stoffel, que já recebeu o título de Cidadão de Novo Hamburgo.



Os primórdios – os matadouros (Matadouro Kroeff)

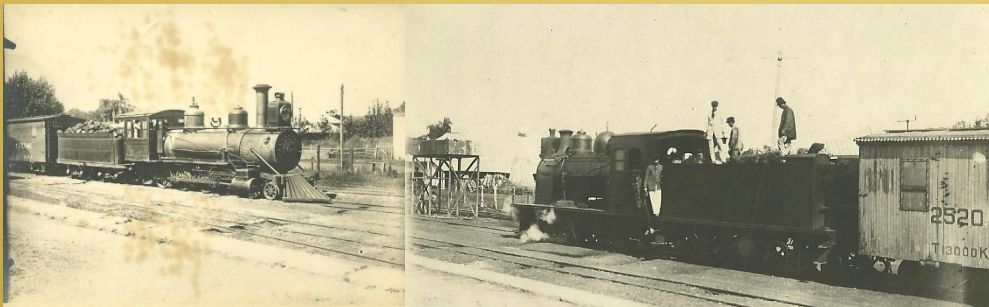
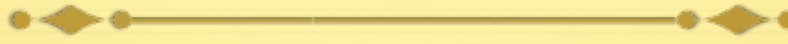


Os giros eco-territoriais, nos anos 20 e 30 - séc. XIX

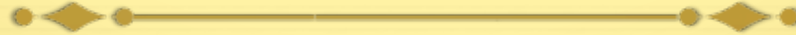
- ✦ **Hamburgo Velho, as picadas, a antiga paróquia, as redes de vizinhança e a figura do isolamento, em diálogo perene com os deslocamentos e os fluxos de mercadorias dos tropeiros e dos caixeiros viajantes, dão lugar às vias férreas e aos automóveis.**



Os primórdios – as estradas de ferro



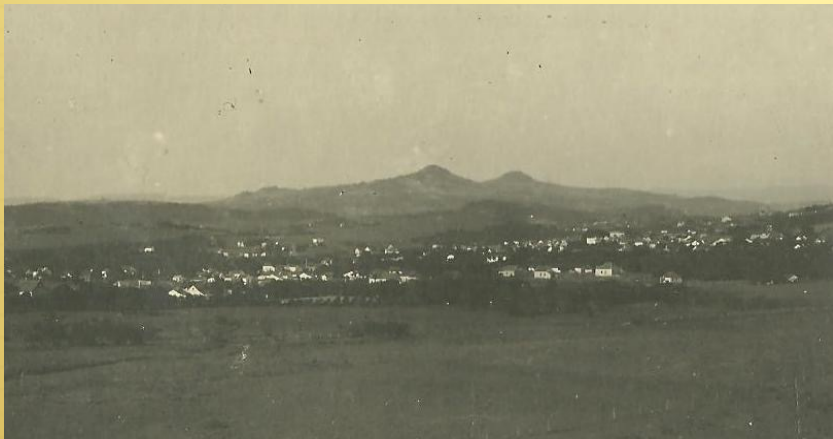
A ocupação territorial da matriz operário-industrial alemã no Vale dos Sinos



- ✦ **Os gestos de trabalho estão relacionados às formas de ocupação territorial da matriz operário-industrial alemã no Vale dos Sinos considerando os diferentes grupos sociais, raciais e étnicos ao longo da história ambiental da região no interior das dinâmicas econômicas e de poder, em suas estreitas conexões com os conflitos resultantes da disputa pelos recursos naturais (Martinez-Allier, 2007, p.13).**
- ✦ **As identidades sociais inventadas segundo o lugar que os grupos sociais passam a ocupar nesta divisão de trabalho: “índios associados à estrutura social da servidão”, “os negros à escravidão” e “o europeu ao trabalho assalariado”.**

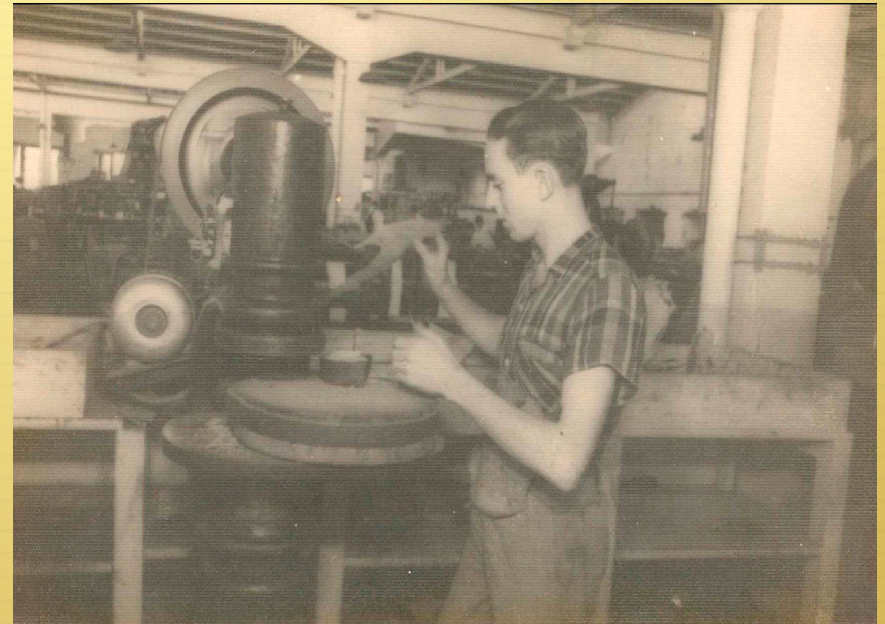
Novo Hamburgo

Anos 10-20




O despertar da matriz operário-fábrica no Vale dos Sinos

- ✦ os lampiões a gás cedem lugar às lâmpadas elétricas, o rádio (o milagre da modernidade), surge como grande meio de comunicação de massa”, além disso, “as rodovias começam a substituir as ferrovias e os carros (maravilhas da engenhosidade humanas) disputam espaço com os carros de tração animal e montarias”.



O giro eco-territorial dos anos 20 e 30 do séc. XX

- 
- ✦ Uma paisagem que contrasta com o *giro eco-territorial* desta matriz nos anos 20 e 30 do século passado, onde se situa a emancipação da cidade de Novo Hamburgo do município de São Leopoldo e o início da industrialização e, finalmente, a chegada à região dos *tubarões do couro e de seus curtumes*.

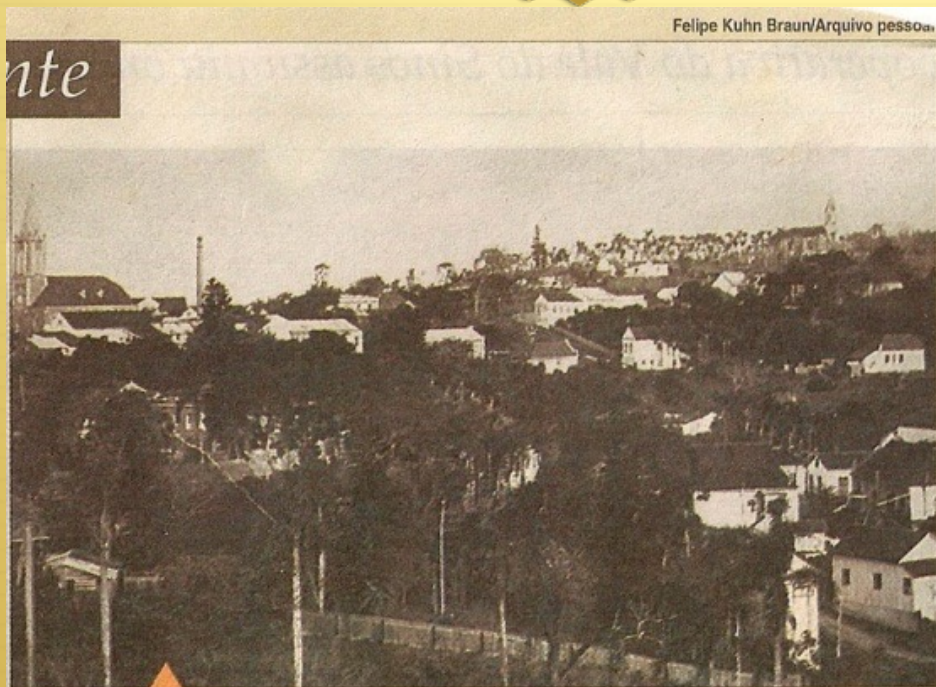


A bacia do Rio dos Sinos, na época, “exalava o insuportável fétido, notadamente nos dias de canícula”, dele desprendia “irrespirável atmosfera” e os detritos das patentes faziam os transeuntes sentirem “a sensibilidade olfativa ferida pela fedentina, que se emana da sarjeta”

A bacia do Rio dos Sinos, na época, “exalava o insuportável fétido, notadamente nos dias de canícula”, dele desprendia “irrespirável atmosfera” e os detritos das patentes faziam os transeuntes sentirem “a sensibilidade olfativa ferida pela fedentina, que se emana da sarjeta”

Novo Hamburgo

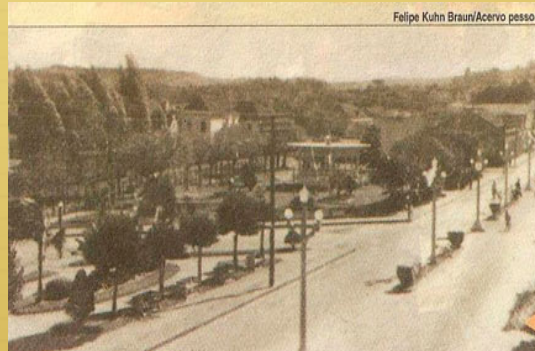
Anos 30



HAMBURGO VELHO NOS ANOS 30 - Em mais um registro de Hamburgo Velho na década de 1930, a curiosidade desta foto são as torres de igreja nas duas extremidades da foto. No topo da foto, à esquerda, a Igreja Três Reis Magos, da IECLB. À direita, a Igreja Nossa Senhora da Piedade, da comunidade católica. A chaminé que se vê ao lado da igreja evangélica é de uma fábrica de lonas. A seguir, mais ao centro, no topo, também pode-se ver a caixa d'água ainda existente no bairro.



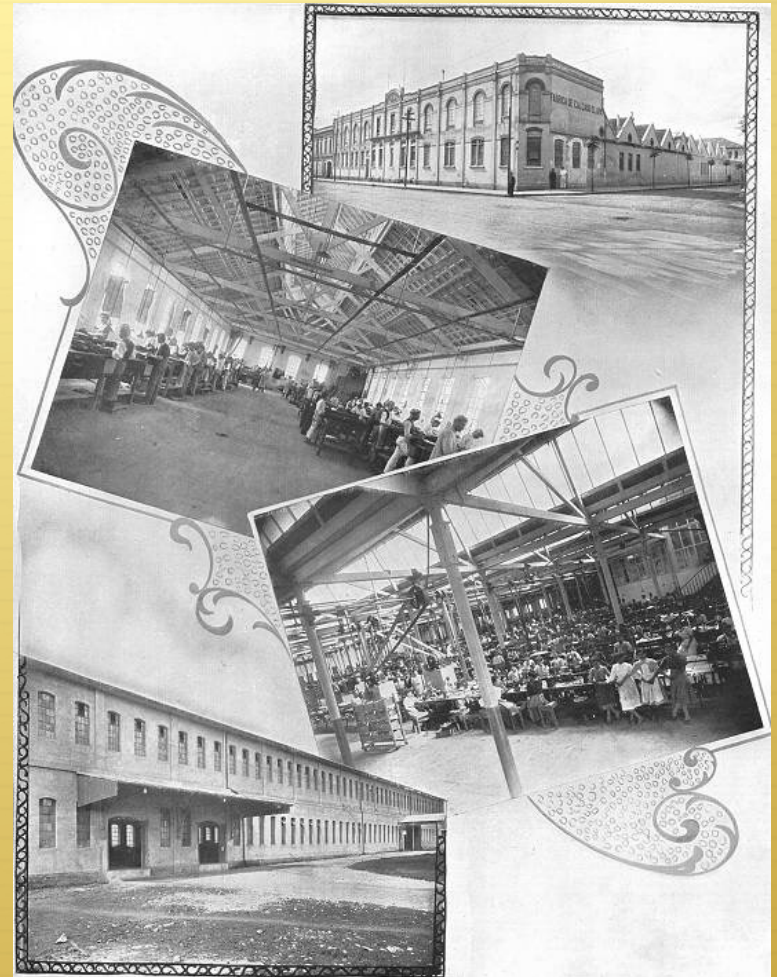
HAMBURGO VELHO, ANOS 30
Hamburgo Velho visto de um ângulo diferente, na década de 1930. Onde hoje predominam casas e prédios residenciais, o que se destacava quase que isoladamente era o Colégio São Jacó (no topo à esquerda). Mais à direita, o Hospital Regina. No meio da foto, a casa dos Kauer, que perfuravam poços artesanais. Na frente da casa, os trilhos do trem. Na foto ainda aparece a Sociedade Frozen, onde atualmente fica a sede do Grêmio Sindicato dos Funcionários Municipais.



PEDRO ADAMS EM 1936 - No registro, um flagrante da Pedro Adams Filho, em 1936, uma das principais avenidas de Novo Hamburgo. A avenida, que passa por oito bairros hamburguenses, foi oficializada como principal via pública da cidade em 1964. O nome foi dado em homenagem a um dos pioneiros da indústria calçadista na região.

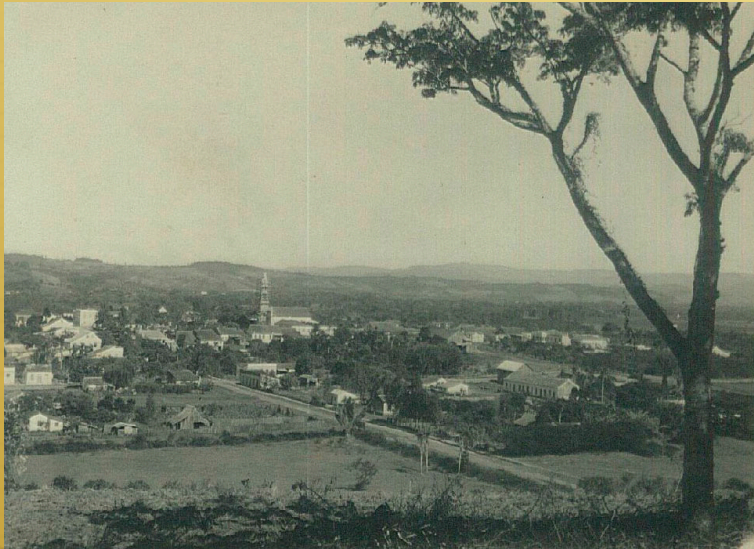
Dos *giros eco-territoriais* da matriz operário-industrial no Vale dos Sinos – os anos 40 e 50

- ✦ **transformações significativas no mundo do trabalho no campo com a mecanização agrícola e o crescimento urbano no Rio Grande do Sul, quando se assistiu a um fluxo migratório intenso para o Vale do Rio dos Sinos, originando em Novo Hamburgo, assim como em outras cidades da região, o crescimento dos arrabaldes.**
- ✦ **ao longo do leito da viação férrea, a comunidade urbana de Novo Hamburgo se transforma com o surgimento de alguns loteamentos populares e chalés, “de coloração preta e cinza, que abrigavam as famílias dos vários milhares de operários que labutavam nas fábricas”**



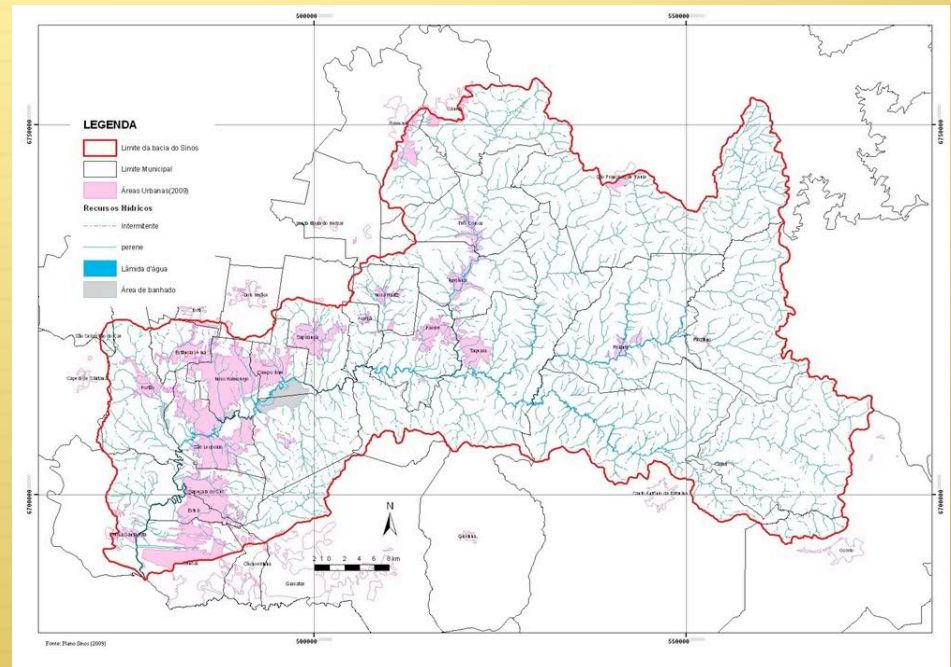
Novo Hamburgo

Anos 40-50

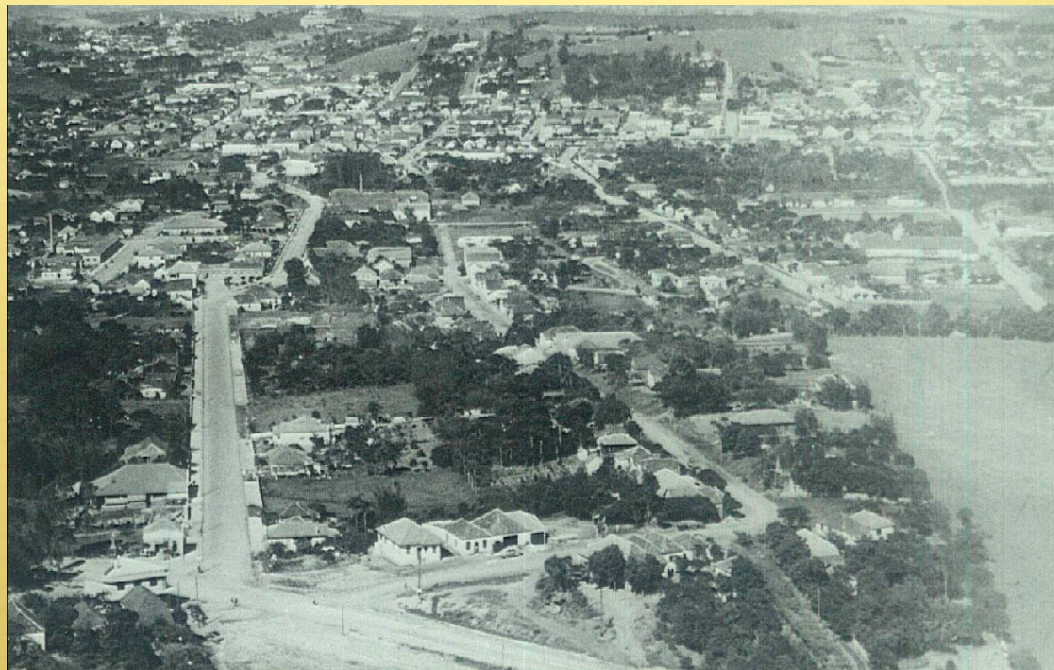


Novo Hamburgo - a cidade que tem “fábricas em quase todas as ruas” (Ercilio Rosa)

A dinâmica de acumulação apoiava-se na retórica da natureza inesgotável da região, impulsionada pela presença da paisagem das águas abundantes da Bacia dos Sinos e do trabalho livre e assalariado como impulso dos processos de domesticação do meio cósmico e social como forma de impor o progresso em terras incultas



O “clima típico do couro curtido”



- ✦ As águas eram as responsáveis por esta paisagem desoladora, jamais os curtumes, que se não fosse pelos seus cheiros, pareciam compor com a paisagem da cidade que crescia freneticamente em torno das fábricas e dos bairros operários, marcados pela forte presença da mão de obra de negros nos curtumes que pipocavam na região.



1



2

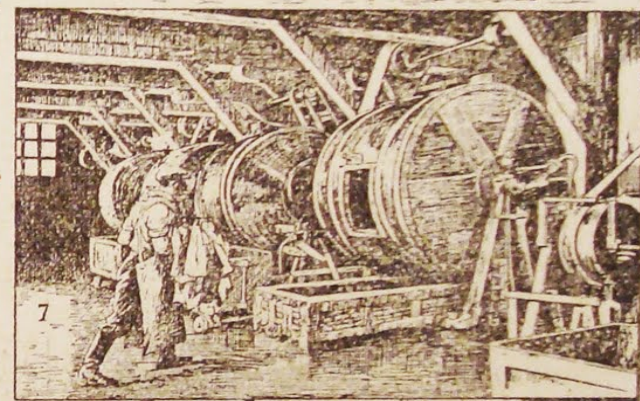
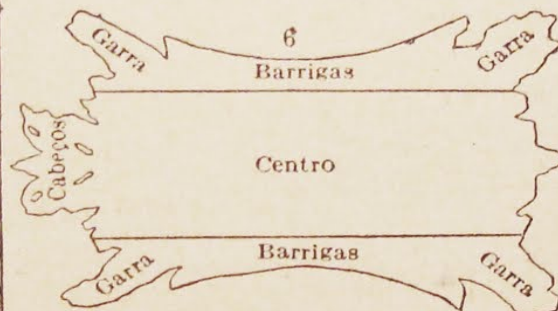
3



4



5



7



8



9



10

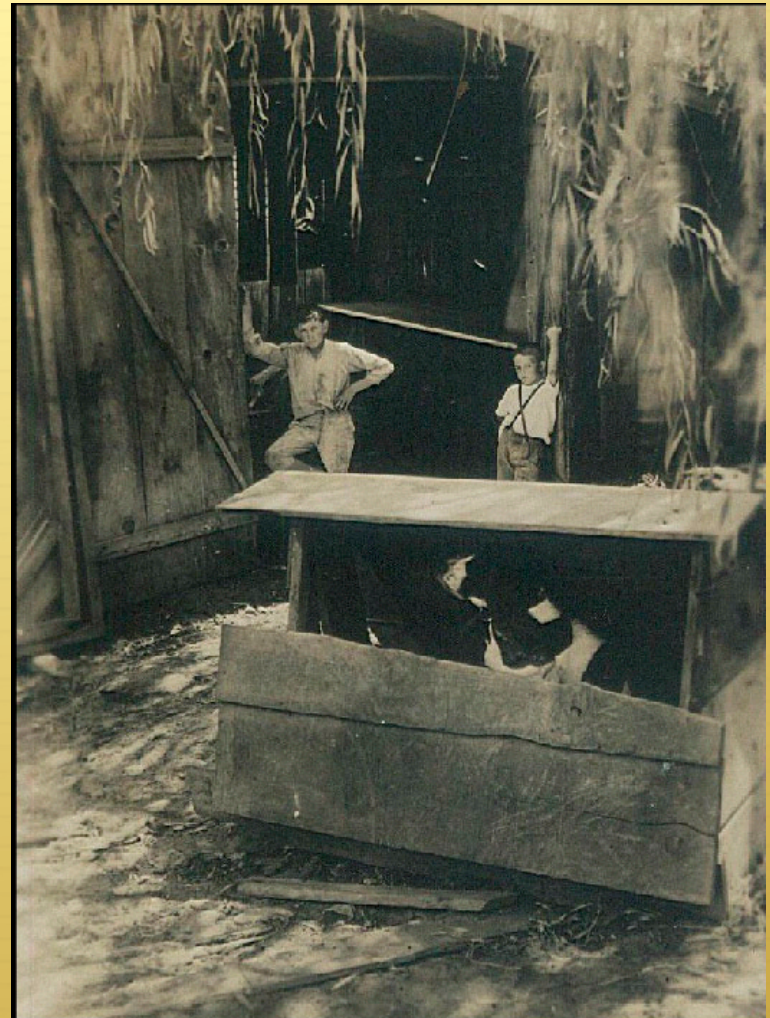
Bombard

CURTUME: 1. Transporte e manipulação de couros verdes; 2. Descabellamento, e 3. Descarnadura dos couros brutos; 4. Collocação no tanque de lavagem; 5. rrisamento; 6. Divisão d'uma pelle; 7. Lavagem no bombo; 8. Pelle conduzida á machina de desborrar; 9. Lavagem da cal; 10. Descarnadura mechânica.

O mundo do trabalho nos curtumes



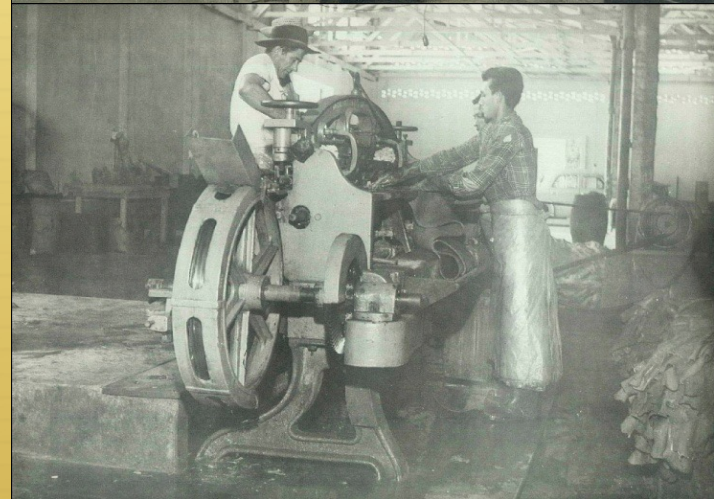
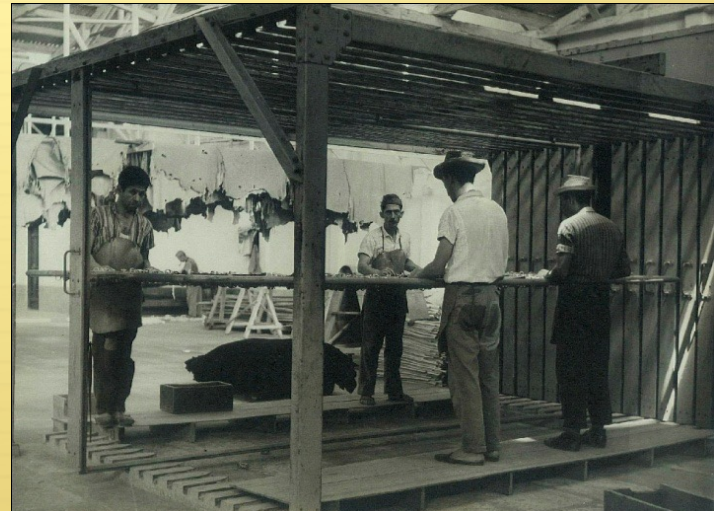
- ✦ **nos anos 40 do século XX, Leopoldo Petry assinala a presença, ainda, de inúmeros animais nativos da região;**
- ✦ **processo de extermínio da fauna dos rios e arroios da região da Bacia do Rio dos Sinos, em razão dos detritos jogados nas águas pelos curtumes que se localizavam as margens dos leitos dos rios.**
- ✦ **na resistência à poluição e contaminação dos rios, o Leopoldo Petry ainda menciona a presença de jundiás, traíras, tambicus, mandus etc.**





Os giros eco-territoriais, nos anos 60 do século XX **a afirmação da matriz operário-fábrica no Vale dos Sinos**

- ✦ **“a circunvizinhança do outrora lugar ermo e agreste, receptor das substâncias recolhidas dos cubos da cidade inteira”, transforma-se em “florescentes e populosos bairros”**
- ✦ **“a cidade amplia seus limites em direção aos terrenos vazios da área central e aos arrabaldes, onde cada vez mais surgem moradias heterogêneas”**



Anos 60

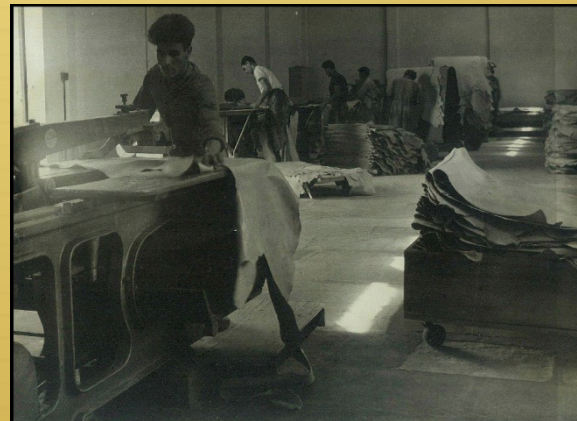
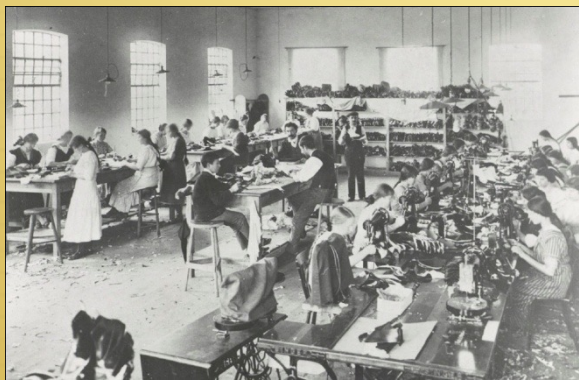


✦ “subindo ladeiras ou rasgando orlas de campos rasos”, as indústrias do couro e do calçado, povoavam “de esperança e realidade os sonhos embrionários dos que sabem lutar pelos seus ideais”

✦ “os edifícios nascem como cogumelos (...), forçando a destruição de alguns barracões postados as margens da cidade”



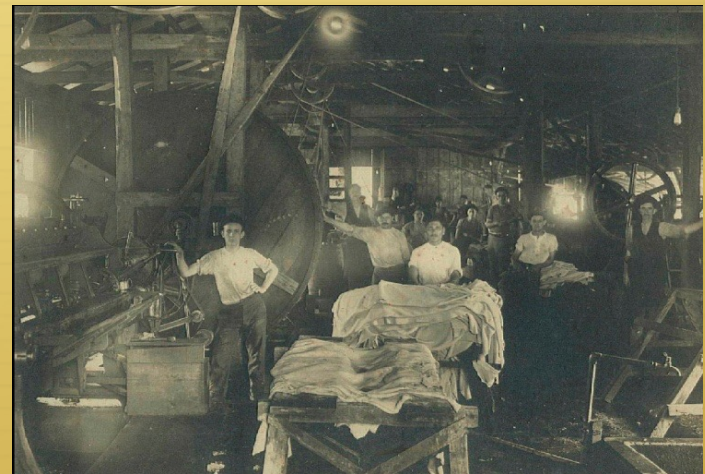




✦ Os ruídos das máquinas demonstram que Novo Hamburgo empenha-se cada vez mais no aperfeiçoamento do calçado, “numa miragem quase obcecada pelos pés humanos”.



✦ a visão de uma cidade não mais marcada pela presença de valas fétidas, com ruas repletas de lixo, sarjetas entupidas, do mau cheiro das vias públicas, dos terrenos baldios e das macegas.



O terceiro giro eco-territorial - o processo de “crise” do setor coureiro-calçadista e a *acumulação por despossessão*

✦ a ampliação da reprodução do capital coureiro-calçadista acompanhada pela violenta mercantilização dos bens naturais, por sua rapina e depredação, e que apresenta no centro da disputa o território e o meio ambiente.



✦ a desnacionalização da indústria calçadista, a permanência da indústria coureira na região e os impactos ambientais advindos de sua grande capacidade de concentração de poluentes.



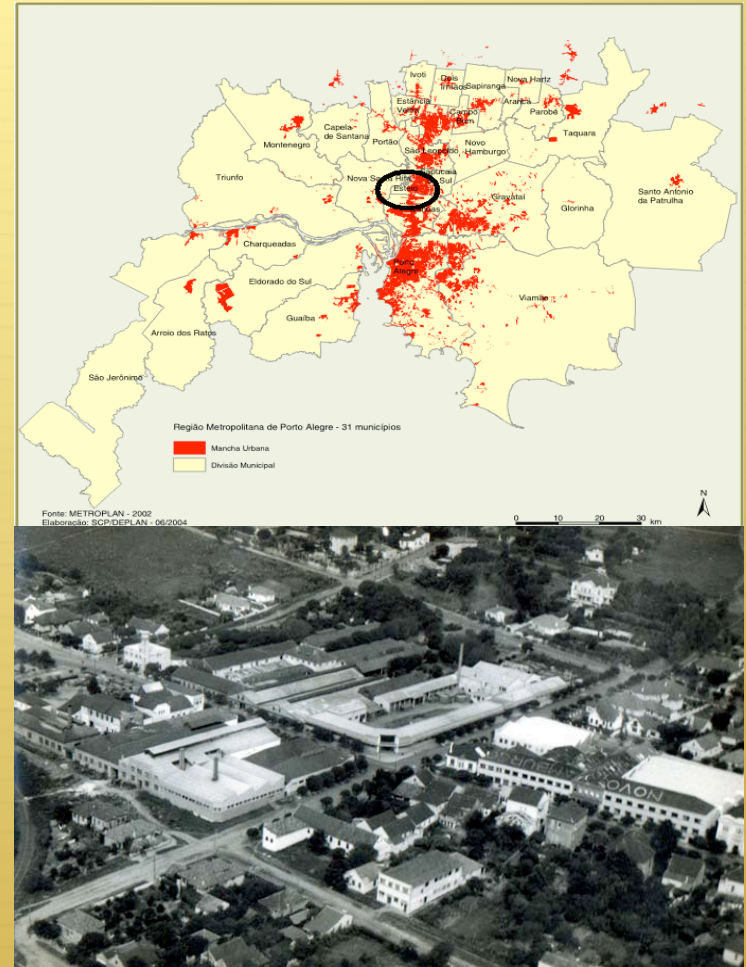
Os aterros e a ocupação dos banhados no Vale dos Sinos

- ✦ “os poteiros e as paisagens que havia na frente da via férrea (...) os perigosos sumidores” dão lugar “a vistosa Praça 14 de julho” (Selbach, 2006, p.33), antiga entrada dos viajantes para a cidade de Novo Hamburgo.
- ✦ do tratamento ao abastecimento de água, o calçamento, o esgoto, a organização das praças” fazem derrubar “as pontes que ligavam sua comunidade de destino ao passado”, negando “as origens coloniais para mergulhar, finalmente no sonho urbano”.



A instalação de uma civilização urbana e industrial no Vale dos Sinos e a degradação dos recursos naturais

- ✦ No Vale dos Sinos bem como em outras regiões do Brasil, a sociedade urbano-industrial e de consumo vem acompanhada de problemas ambientais relacionados à degradação dos recursos naturais, em especial, dos recursos hídricos, por decorrência da ausência de uma mobilização da comunidade urbana local quanto aos riscos ambientais da política econômica local, baseada na indústria manufatureira, numa primeira instância e, logo após, na indústria coureiro-calçadista.

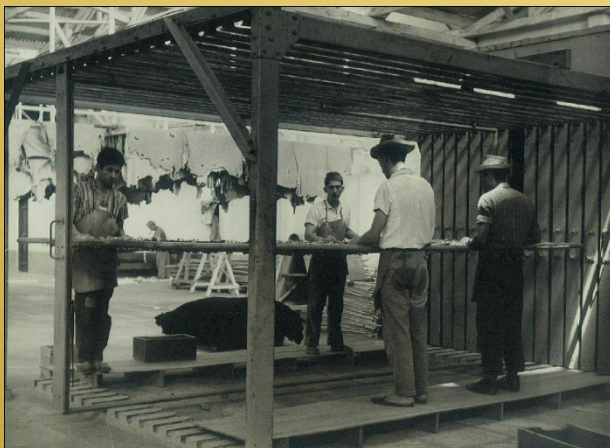


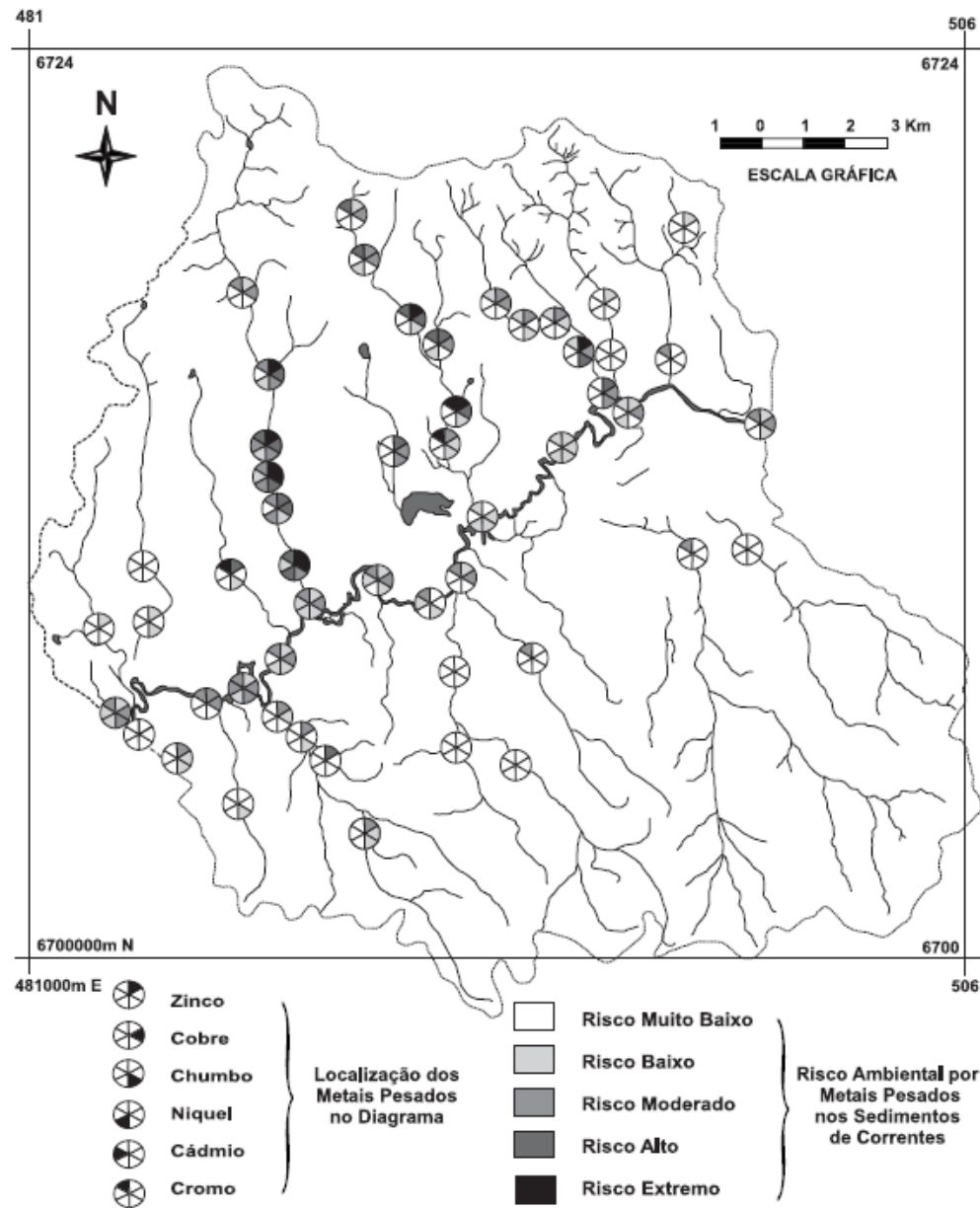
- ✦ Ausência de uma “matriz comunitária” para o debate da “questão ambiental” na região que reflita sobre o impacto ambiental dos *giros eco-territoriais* (Svampa, 2011) sobre a Bacia do Rio dos Sinos ao longo do processo mais recente da expansão da indústria coureiro-calçadista no local, nos anos 80, e mesmo de sua crise, em meados dos anos 90.



As discriminações étnicas e raciais no mundo do trabalho

- ✦ Era hoje na BR, hoje a BR 116 na altura da Galeteria Primavera, abaixo um pouquinho, ali onde é a Galeteria Primavera. E esse couro depois de envernizado ele era esticado num esquadro de madeira e exposto ao sol para secar. Então tinha um vasto campo onde ali eram colocados cem, duzentos couros para secar, e eles tinham que colocar isso no sol com muito cuidado para não cair nenhum inseto em cima. Então, antes de colocar no sol o couro, eles tinham que deixar que enxugasse um pouco aquele verniz dentro de um galpão que eles tinham. Quando enxugava, que não tinha mais risco do inseto grudar em cima do verniz, eles colocavam expostos ao sol para secar. (...) Era só o verniz que eles faziam na época. Na época não tinha essa, essa... Hoje o couro é feito... O verniz hoje é feito numa cortina de tinta com tudo automatizado, o operador quase não toca no couro, só para abastecer a esteira, mas isso antigamente era tudo no braço. (Sr. Valmor, entrevista para pesquisa As comunidades negras do Vale do Rio dos Sinos e a memória do trabalho, 2010)





Risco ambiental na bacia do Rio dos Sinos

FIGURA 2 - Risco ambiental por metais pesados nos sedimentos de corrente.